

JOALEX VIALLI

**O imaginário da cidade: percepção espacial dos estudantes da
Universidade Federal de Viçosa e da população de Viçosa.**

Viçosa – MG.
Abril de 2006.

JOALEX VIALLI

**O imaginário da cidade: percepção espacial dos estudantes da
Universidade Federal de Viçosa e da população de Viçosa.**

Monografia apresentada a coordenação do curso de geografia da Universidade Federal de Viçosa como exigência parcial para aprovação na disciplina GEO 481 – Monografia e Seminário.

ORIENTADOR: Prof. Leonardo Civalle.

Viçosa – MG.
Abril de 2006.

JOALEX VIALLI

Monografia apresentada à coordenação do curso de geografia da Universidade Federal de Viçosa como exigência parcial para aprovação na disciplina GEO 481 – Monografia e Seminário.

Aprovação ___/___/2006

Professor Eduardo Maia

Professora: Maria Isabel de J. Chrysostomo

Prof. Leonardo Civalle.

Viçosa – MG.
Abril de 2006.

AGRADECIMENTOS.

A meus pais, meu irmão, minhas irmãs, meus cunhados(a) E sobrinhos pelo apoio, carinho e compreensão.

A minha irmã Geruza pelo incentivo e compreensão.

A Michelle pelas lágrimas, risos e pelo companheirismo.

A Léo e Maxwell e todos meus amigos cachoeirenses que sempre estiveram comigo.

Ao Zelvânio, Daniel, Marcus “Batata”, Vitor “Maluco” e Adalberto pela amizade, pelo conhecimento partilhado e pela força sempre que preciso.

Aos professores do curso de Geografia. Especialmente ao professor Leonardo e professor Eduardo por suas orientações para este trabalho

A todos aqueles que direta ou indiretamente possibilitarão a realização deste trabalho.

SUMÁRIO.

Resumo	05
Lista de Tabelas	06
Lista de Gráficos	07
Lista de Figuras	08
1 INTRODUÇÃO	09
2 REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 Produção social do espaço urbano	11
2.2 Evolução sócio-espacial no Brasil	14
2.3 Evolução sócio-espacial em Viçosa	16
2.4 Diversos olhares sobre o urbano	18
2.5 A fenomenologia na geografia humanística	20
2.6 O espaço na fenomenologia	23
2.7 A percepção e o imaginário do espaço urbano	27
3 METODOLOGIA	31
3.1 Pesquisa de campo	31
3.2 Organização da pesquisa	32
3.3 Definindo o universo dos grupos entrevistados	33
3.4 Definindo o tamanho da amostra	34
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
4.1 Os elementos que compõem o imaginário urbano	36
4.2 A percepção do espaço urbano	39
4.3 A afetividade entre os indivíduos o espaço	44
4.4 Percepção, imaginário e produção do espaço urbano	47
5 CONCLUSÃO	51
REFERENCIAS	52
ANEXOS	54

Resumo.

Pode-se dizer que as cidades são fruto de realizações humanas, uma criação que foi sendo moldada ao longo de um processo histórico e que ganhou materialização diferenciada, em função de determinantes históricos específicos. O espaço urbano é um espaço produzido socialmente, modificado de acordo com as possibilidades de cada civilização. A cidade passa a ser um reflexo de como vivem seus cidadãos uma vez que eles produzem e reproduzem o espaço através de sua faculdade de pensar, de compreender, mesclando em suas ações razão e emoção. Compreende-se desse modo que os cidadãos percebem sua cidade de acordo com seus sentimentos, criando em seu imaginário uma representação da cidade. Este trabalho busca compreender se existem contradições do imaginário da cidade em diferentes grupos urbanos, e procura mostrar, ainda, que a cidade não é apenas uma questão de cunho materialista (geométrico e quantitativo), mas, também, uma questão de cunho não-material (moral, espiritual, sentimental). Assim procurou-se demonstrar que diferentes grupos possuem percepções diferentes com relação ao espaço urbano e que essas percepções diferenciadas criam um imaginário que faz com determinados espaços da cidade ganhem mais importância para determinados indivíduos do que para outros. Em consequência desse fato buscamos verificar se a percepção espacial pode influenciar as ações dos indivíduos no ambiente urbano e desse modo o próprio espaço urbano.

Palavras-chave: imaginário, percepção, espaço urbano e lugar.

Lista de Tabelas.

Tabela 1 – População em Viçosa de 1950 a 2000	16
Tabela 2 - Estudantes moradores de alojamentos	34

Lista de Gráficos.

Gráfico 1. A cidade para os estudantes.	36
Gráfico 2. A cidade para os taxistas.	37
Gráfico 3. Os elementos mais importantes da cidade para os estudantes.	37
Gráfico 4. Os elementos mais importantes da cidade para os taxistas.	38
Gráfico 5. Utilidade do centro Urbano para os estudantes.	43
Gráfico 6. Utilidade do centro urbano para os taxistas.	43
Gráfico 7. O que os estudantes não gostam em Viçosa.	44
Gráfico 8. O que os taxistas não gostam na cidade de Viçosa.	45
Gráfico 9. O que os estudantes sentem pela cidade de Viçosa.	47
Gráfico 10. O que os taxistas sentem pela cidade de Viçosa.	47

Lista de figuras.

Figura 1 - Esquema do Processo Perceptivo	28
Figura 2 – Mapa de delimitação do espaço urbano para os estudantes	41
Figura 3 – Mapa de delimitação de espaço urbano para os taxistas	42
Figura 4 – Foto de cerca elétrica no bairro Clélia Bernardes	49
Figura 5 – Foto de rua com calçada deficiente no centro da cidade	49

1 INTRODUÇÃO.

O presente estudo discute o processo de percepção e de valorização do espaço na cidade de Viçosa-MG por dois grupos distintos: os estudantes da UFV moradores de alojamentos e os taxistas da cidade de Viçosa.

Esta pesquisa surgiu do desejo de compreender os diferentes discursos que os cidadãos empregam ao se referir a sua cidade e a influencia da percepção do espaço por esses indivíduos na própria estrutura da cidade.

A cidade aos poucos vem assumindo um novo papel no qual as relações com seus habitantes são mais intensas. A direção do olhar muda e agora o que está em foco é o espaço ao redor e o que nele está contido. A observação mais atenta e a reflexão do objeto selecionado aumentam a interação entre cidade e habitante. A cidade não só interage com os indivíduos que nela habitam, mas também os representa em suas ruas, praças e monumentos, passando a ser uma interlocutora que se comunica mediante suas construções e formas.

Dentro desse contexto, este trabalho aborda o espaço urbano como produto e como um produtor social com base nos estudos da Geografia Cultural em sua vertente fenomenológica, tentando entender através do imaginário, os significados dos elementos urbanos e a percepção do indivíduo de seu espaço, com base nas representações do ambiente vivido. A compreensão e a interpretação do comportamento dos grupos em estudo pode nos mostrar que a cidade é muito mais do que seus aparentes elementos materiais. A percepção do espaço permite através das subjetividades do olhar fenomenológico do espaço, decodificar os elementos que compõem os imaginários e construir a imagem e a valorização do lugar.

Diante dessas questões, o presente trabalho estruturou-se em duas partes: a primeira levanta uma fundamentação teórica necessária para embasar a análise do objeto de estudo desta pesquisa, que será abordado na segunda parte desse trabalho.

Na primeira parte, abordamos as transformações do espaço, baseado, nas idéias de espaço socialmente produzido. Evidenciamos o processo de expansão urbana do Brasil e de Viçosa, observando a necessidade de ampliar os enfoques em relação ao estudo do espaço urbano. Além disso, fazemos uma abordagem fenomenológica do espaço, na tentativa de buscar essa interdisciplinaridade nos estudos sobre o urbano.

Com isso, discutimos um pouco desse pensamento filosófico que embasa a vertente da Geografia Humanística e visualiza os fenômenos a partir de suas essências, discutindo os espaços como lugares percebidos e experimentados.

A segunda parte do trabalho trata da investigação e dos resultados obtidos no estudo dos estudantes moradores de alojamento e dos taxistas. Durante dez dias, entrevistamos os indivíduos dos dois grupos, na tentativa de levantar os dados necessários para a análise em questão.

Os resultados foram muito interessantes e nos ofereceram uma compreensão das percepções do mundo vivido de cada indivíduo e criação de seu imaginário. Assim, um novo olhar sobre o urbano renasce, colocando em questão a lógica valorização do espaço como lugar vivenciado e experimentado pelo homem.

Nesse sentido, objetiva-se neste trabalho investigar como o cidadão urbano percebe seu meio. Quais são os elementos que compõem seu imaginário e se as diferentes formas de perceber influenciam a valorização desse espaço.

2 REVISÃO DE LITERATURA.

2.1 Produção social do espaço urbano.

O processo de ocupação do espaço urbano tem trazido muitos problemas, seja ambiental, espacial e socialmente, influenciando a qualidade de vida de seus habitantes, o que influencia, também, na ocupação dos espaços sua valorização e suas modificações.

Essa ocupação e valorização do espaço são feitas através dos processos sociais, e podem ser diferentes de um grupo social para outro, uma vez que a vida dos cidadãos no espaço urbano é impregnada de valores e crenças, que os cidadãos trazem consigo uma forma subjetiva de perceber e organizar o espaço. Devemos levar em consideração ainda que a modernidade transformou as relações humanas, no que diz respeito aos seus valores modificando seu modo de vida e influenciando as ações do Estado no atendimento às necessidades básicas dos diferentes grupos sociais, influenciando de forma negativa a qualidade de vida da população e fazendo surgir movimentos sociais urbanos, reivindicando melhorias nos setores de transportes, saúde, habitação, segurança, etc.

Para Santos (1985) estes movimentos sociais “são por sua vez o movimento da própria sociedade da estrutura social demandando funções urbanas que se materializem nas formas espaciais” (SANTOS, 1985 apud CORRÊA 1995). Assim esses grupos sociais acabam por modificar as feições do espaço urbano. A respeito desses agentes sociais Corrêa (1995) nos afirma que:

A complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação de uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infra-estrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas do espaço urbano (CORRÊA, 1995).

O autor afirma ainda que esse processo de transformação do espaço não é um processo de mão única, “é reflexo e condicionante social” (CORRÊA, 1995), ou seja, ao

mesmo tempo em que as transformações do espaço urbano são fruto da ação dos cidadãos esse espaço influencia a ação dos cidadãos.

Assim compreendemos que ações dos diversos grupos sociais levam a uma transformação sócio-espacial, que sob a “... análise espacial marxista em escala urbana evoluiu, ao longo da década de 1970, juntamente com um desenvolvimento mais amplo que combinou diversas ênfases disciplinares (econômica, sociológica e geográfica) num foco comum sobre a economia política da urbanização” (SOJA, 1993). Essas novas condições “... exigiram uma abordagem da cidade e do processo de urbanização diferente da que havia caracterizado o tratamento dos problemas urbanos no capitalismo competitivo da época de Marx” (SOJA, 1993). Dessa forma, o processo de urbanização “... tornou-se um hieróglifo social revelador, através do qual era possível desvendar a dinâmica do desenvolvimento capitalista pós-guerra, bem como desenvolver a estratégia de uma resposta política apropriada a uma economia mundial cada vez mais urbanizada” (SOJA, 1993). No decorrer dessa argumentação Soja afirma que:

A cidade passou a ser vista não apenas em seu papel distintivo de centro da produção e acumulação industrial, mas também como o ponto de controle da reprodução da sociedade capitalista em termos da força de trabalho, da troca e dos padrões de consumo. [...] Deu-se grande atenção não somente às contradições no local de trabalho (o ponto de produção), mas também ao conflito de classes em torno da habitação e do meio ambiente construído, à prestação e à localização dos serviços públicos pelo Estado, ao desenvolvimento econômico das comunidades e dos bairros, às atividades das organizações financeiras e a outras questões que giravam em torno do modo como o espaço urbano era socialmente organizado para o consumo e a reprodução. Assim, uma problemática espacial especificamente urbana – incorporada na dinâmica dos movimentos sociais urbanos – foi colocada na agenda das considerações teóricas e da ação social radical (SOJA, 1993).

Baseado no pensamento marxista de que o espaço é socialmente produzido vamos de encontro as idéias de Henri Lefèbvre. A partir da dinâmica dos movimentos sociais urbanos Lefèbvre define uma problemática espacial do capitalismo e colocando-a numa posição central, dentro da luta de classes, inserindo as relações de classe nas contradições que influenciam as atividades organizadoras do espaço socialmente organizado. Lefèbvre afirma que nem sempre a problemática espacial teve essa centralidade e evidencia que “... tampouco apresenta a luta pelo

espaço como um substituto ou uma alternativa da luta de classes. Em vez disso, afirma que nenhuma revolução social pode ter êxito sem ser, ao mesmo tempo, uma revolução conscientemente espacial” (SOJA, 1993).

Assim, o espaço tem a propriedade de ser materializado por um processo social que reage a si mesmo e a esse processo. É, portanto, ao mesmo tempo objeto material ou produto, o meio das relações sociais e o reprodutor de objetos materiais e relações sociais: “Dessa maneira, Lefèbvre baseia a multiplicidade da articulação sociedade-espaço numa relação dialética. É justamente esse status dialético, ontológico, do espaço que dá origem à sua natureza multifacetada na sociedade” (GOTTDIENER, 1993).

De fato observamos que o espaço ganha múltiplas faces a partir da apropriação social. Os processos de ocupação do espaço e o desenvolvimento do espaço urbano vão se modificando ao longo do tempo e da evolução social. Novos espaços são ocupados, outros abandonados, outros modificados. Desse modo é tentando a partir de agora, explicar um pouco como ocorre esse processo de produção espacial, partindo do âmbito nacional para chegarmos à cidade de Viçosa.

2.2 Evolução sócio-espacial no Brasil.

O Brasil alcançou no século XX, um alto grau de urbanização em todas as regiões do seu território, depois de um período de urbanização territorialmente limitado a regiões litorâneas. Observando-se, principalmente, uma inversão da população urbana e rural. Até a década de 70 a população urbana era maior que a rural, a partir desse período começa-se a observar que a população urbana passa a ser maior que a rural.

Mas o processo de urbanização não faz apenas com que o homem do campo vá morar na cidade, ela também faz com que, de acordo com os fluxos de capital e informação, haja uma constante movimentação de pessoas dentro das cidades e entre as cidades, inchando-as populacionalmente e criando pressões sobre o solo urbano. A pressão sobre o solo mercantiliza-o e, desse modo, a renda capitalista do solo regula a forma como se organiza e se usa o espaço urbano.

Com essa diferenciação na valorização do espaço, observamos que as cidades brasileiras, especialmente as grandes e as médias, espelham a contradição que caracteriza a sociedade brasileira. De um lado encontramos pólos de desenvolvimento,

tanto de capital quanto de informação, que leva as classes altas à modernidade e a riqueza; do outro lado encontramos um ambiente de pobreza, onde não existem políticas públicas e infra-estrutura urbana, onde se observa um crescimento das formas ilegais de sobrevivência e o envolvimento dos cidadãos com tráfico de drogas, crime organizado e a banalização da violência.

A partir desse cenário, Santos (1996), levanta algumas questões a respeito da vida dos que vivem na marginalidade, mas que podem ser tomadas da maioria dos cidadãos, tais como:

Como, nas cidades, vive a maioria dos brasileiros? Quais as suas condições de trabalho e não trabalho? Qual a sua renda? Que acesso tem aos benefícios da modernidade? Quais as suas carências principais? Como se distribuem, na cidade, as pessoas, segundo as classes e níveis de renda? Quais as conseqüências da marginalização e segregação? Quais os problemas da habitação e da mobilidade, da educação e da saúde, do lazer e da seguridade social? (SANTOS, 1996).

Essas questões representam os desafios da maior parte dos planejadores e administradores urbanos da atualidade, uma vez que os Estado tem dificuldades financeiras para resolver os problemas sociais e urbanos e começam a ganhar mais importância a partir dos anos 50, quando começa-se a observar no Brasil uma possível formação de aglomerações da população nos centros urbanos.

Até 1940 os núcleos com mais de 20.000 habitantes representavam menos de 15% do total da população brasileira, já em 1960 os núcleos com mais de 20.000 atingem 28,43% e chegam a 51% em 1960 segundo dados do IBGE, ou seja, em 40 anos o número de núcleos com mais de 20.000 habitantes triplicou (SANTOS, 1996)

Nessa de evolução dos núcleos urbanos, Milton Santos entende que em 1970, o processo de urbanização ultrapassa a questão do número de indivíduos que habitam esses núcleos considerando também a qualidade do processo de urbanização.

A partir dos anos 70, o processo de urbanização alcança novo patamar, tanto do ponto de vista quantitativo, quanto do ponto de vista qualitativo. Desde a revolução urbana brasileira, consecutiva à revolução demográfica dos anos 50, tivemos primeiro, uma urbanização aglomerada, com o aumento do

número – e da população respectiva – dos núcleos com mais de 20.000 habitantes e, em seguida, uma urbanização concentrada, com a multiplicação de cidades de tamanho intermédio, para alcançarmos, depois, o estágio da metropolização, com o aumento considerável do número de cidades milionárias e de grandes médias (em torno de meio milhão de habitantes) (SANTOS, 1996).

Compreende-se que o processo de urbanização no Brasil se configura, historicamente, como um processo de segregação espacial das cidades brasileiras, fazendo surgir as favelas, modificando as formas de organização do espaço, e gerando uma especialização das funções urbanas e as demandas comuns por serviços e infraestrutura urbana (NEGREIROS, 2001, SANTOS, 1985).

2.3 Evolução sócio-espacial em Viçosa.

O processo de expansão da população urbana de Viçosa corresponde aos modelos de expansão que ocorreram no território nacional, conforme exposto na tabela 1.

Tabela 1
População em Viçosa de 1950 a 2000.

	1950	1960	1970	1980	1990	2000
População Total	18.325	21.120	25.784	38.355	55.316	64.854
População Urbana	6.424	9.342	17.000	31.143	46.320	59.792
População Rural	11.901	11.778	8.784	7.512	5.996	5.062

Fonte: IBGE.

Segundo dados do IBGE, o município de Viçosa possuía em 2000 uma população total de 64.854 habitantes e uma taxa de urbanização de 92,19%. Ainda segundo o IBGE, a população de Viçosa teve entre 1991 e 2000 uma taxa média de

crescimento de 2,66%, enquanto a taxa de urbanização nesse período cresceu 2,52 passando de 89,92% em 1991 para 92,19% em 2000.

Conforme destaca Pereira (2005) “Viçosa conheceu um crescimento acelerado que acompanhou notadamente o desenvolvimento e expansão da universidade, e na década de oitenta a cidade conhece um crescimento significativo de sua população”. Mello (2002) afirma que esse crescimento vem ocorrendo de “forma espontânea, sem nenhum planejamento ou diretrizes urbanísticas prévias, criando situações de confronto entre o suporte natural e os objetos construídos”. Concordando com a essa afirmação encontramos o argumento de Carneiro e Faria (2005) salientando que:

“O processo de ocupação em Viçosa, de modo geral, vem se caracterizando por não obedecer a qualquer critério de planejamento, ocorrendo de forma desordenada, levando em conta somente os interesses financeiros e imediatistas. Este processo impulsiona a ocupação de áreas inadequadas para urbanização por parte dos mais carentes e gera os impactos sócioambientais no sistema urbano, consequência da segregação sócio-espacial e das desigualdades econômicas” (CARNEIRO e FARIA, 2005).

Assim, o processo de urbanização de Viçosa dentro caracteriza-se por uma apropriação do espaço baseado em fatores econômicos, gerando lutas de classes, desigualdades e segregação. Ribeiro Filho (1997) clareia ainda mais essa perspectiva ao falar das consequências desse processo em Viçosa. Segundo o autor:

Este acentuado crescimento populacional desencadeou uma série de problemas urbanos na cidade, típicos de metrópoles brasileiras, quais sejam áreas faveladas, ausência de infra-estrutura, acentuado processo de verticalização das suas edificações em determinadas áreas da cidade, ocasionando uma densificação excessiva, construções e parcelamentos de terras clandestinas, ou seja, sem controle do poder público municipal (RIBEIRO FILHO, 1993).

Não há dúvidas, portanto que o processo de urbanização de Viçosa segue o modelo de urbanização das cidades brasileiras, e é fruto da ação dos agentes sociais¹

¹ Conforme citação de Roberto Lobato Correa (1995) na página 12 deste trabalho.

que organizam e transformam os espaço criando uma serie de problemas urbanos que desafiam os planejadores na busca de soluções. Assim, diversas ciências buscam respostas para as questões urbanas, apresentando uma diversidade de olhares sobre o urbano.

2.4 Diversos olhares sobre o urbano.

Diante dos problemas mencionados no item anterior, observamos a necessidade de estudos e alternativas que visem melhorar a vida nas cidades, porém sabemos que nenhuma disciplina ou metodologia predomina sozinha no estudo do espaço urbano. A cidade pode ser observada e analisada por diferentes enfoques, desenvolvidos nos vários campos do conhecimento, tais como: Filosofia, História, Antropologia, Arqueologia, Arquitetura e Urbanismo e Geografia.

Nesse contexto, os estudos sobre o espaço são um processo interdisciplinar, ou seja, o espaço urbano como meio ambiente de vivências, como lugar que possui uma ligação com individuo e com ele se relaciona em várias esferas (social, ambiental, cultural, econômica) servindo de base para os processos que acabam por influenciar o próprio espaço. Kohlsdorf (1985) argumenta que contrário da idéia de urbanismo que leva a especialização, devemos realizar um urbanismo interdisciplinar. Porém, segundo a autora por causa da divisão positivista das ciências, tem-se falhado nas tentativas de atingir essa visão interdisciplinar do urbano. Essas falhas “apresentam-se na medida em que o fato urbano é definido como um fenômeno unicamente físico, que em seu campo disciplinar atuam quase somente arquitetos e engenheiros civis, que [...] tratam o espaço urbano como um grande edifício” (KOHLSDORF, 1985).

Entendem desse argumento que nos dias atuais torna-se cada vez mais difícil sustentar a idéia de que é possível prever a evolução da cidade a partir de leis simples devido à complexidade das cidades contemporâneas. Não é mais possível imaginar que a intervenção em uma parte da cidade não afete o todo ou que os efeitos produzidos por causas diversas possam ser somados segundo procedimentos lineares e materiais. Nessa mesma perspectiva a perda de eficácia desses conceitos e procedimentos, pode ser melhor observada, quando as cidades são referidas a partir de seus habitantes, em termos de atendimento de suas necessidades materiais e imateriais. Não obstante a

preocupação maior dos urbanistas, planejadores e administradores se tem voltado à cidade e ao território físico, quase como um espaço geométrico a ser ocupado e otimizado; trabalhando, na maior parte dos casos, com evidências empíricas. Assim suas propostas de ocupação, ordenamento, revitalização ou reorganização dos espaços urbanos não alcançam aspectos essenciais que dizem respeito à forma pela qual os habitantes de uma cidade vivem, percebem e imaginam o espaço em que constroem suas vidas.

Torna-se evidente a partir desses argumentos a necessidade de ultrapassar a visão de cidade baseada em uma única ciência e em conceitos lineares para criarmos um modelo interdisciplinar de estudo urbano. E, nessa busca por uma abordagem interdisciplinar sobre o urbano, iniciamos aqui a discussão sobre a contribuição da abordagem fenomenológica do espaço aos estudos teóricos do planejamento urbano. Nessa abordagem, as vivências e as experiências do homem sobre o lugar, bem como os significados dos elementos urbanos em seu entorno, percebidos e construídos em suas mentes, possuem valores, cuja interação revela o mundo vivido.

Dentro da fenomenologia, os conceitos de espaço e de lugar ganham significados e interpretações que vão além da dimensão exclusivamente territorial e material adotadas pelos urbanistas. Essa contextualização acontece devido à interdisciplinaridade dos olhares sobre o urbano, na qual a percepção do homem sobre o espaço possibilita refletir sobre novos paradigmas para a análise do espaço urbano e a contribuição da Geografia Humanística em sua vertente fenomenológica ao planejamento urbano. Um desses paradigmas pode ir de encontro ao processo de subjetividade na relação entre o indivíduo e seu espaço, conforme nos explica Lineu Castelo.

“(…) o ambiente é uma síntese das inter-relações entre possibilidade e oportunidade (em termos físicos) e significado e norma em termos sócio-culturais, não podendo ser concebidos univocamente nem como produto nem como determinante das ações humanas, mas, sobretudo como contexto, no qual está embutida uma miríade de fenômenos psicológicos, sociais e culturais” (CASTELLO, 1996 apud BERDAGUE, 2000).

Desse modo essa monografia, visa olhar o espaço urbano por meio da abordagem fenomenológica, tentando identificar a percepção que os indivíduos tem do espaço e como essa percepção cristaliza ações concretas no espaço.

2.5 A fenomenologia na geografia humanística.

A ciência geográfica vem, ao longo de sua história desenvolvendo o estudo do espaço e buscando entender sua importância para a compreensão social, cultural, natural, entre outras. Contudo ocorre a necessidade de se avançar mais nessa discussão e tentar entender melhor o processo de construção dos conceitos de espaço, buscando desde as mais antigas definições de espaço e as novas concepções de espaço desenvolvidas pela geografia humanística, através de seu estudo fenomenológico.

Embora uma postura fenomenológica possa ser identificada em estágios anteriores da geografia, segundo Amorim Filho (1999), a Fenomenologia só se consolidou como uma filosofia aceita no início do século XX. Dentro dos estudos dos espaços, ela se destaca a partir dos anos 1960 e 1970, conquistando um papel importante na Geografia, e tornando-se bastante frequente na geografia humanística.

Os efeitos dessa corrente de pensamento ocorreram com maior ênfase nos Estados Unidos e Canadá, onde se destacaram os geógrafos Yi-Fu Tuan e Edward Relph, cujas obras diziam respeito à importância dos lugares, do mundo vivido, dos significados e das representações. Eles buscavam uma concepção de mundo, diversa da cartesiana positivista, relacionando de maneira integral o homem e seu ambiente. Entrikin (1980) destaca que o uso do termo fenomenológico na perspectiva humanística teve origem em dois artigos na *The Canadian Geographer*, sendo um de E. Relph e outro de Yi-Fu Tuan. Desde então, vários geógrafos sugeriram a aplicação da perspectiva fenomenológica para o estudo da Geografia. Entrikin (1980) afirma ainda que a “fenomenologia” foi o termo mais frequente usado pelos geógrafos humanistas ao descrever sua abordagem e afirma que, antes de ser usado pela Geografia Humanística, pouca atenção havia sido dispensada na construção de seu significado.

Ao estudar uma abordagem humanístico-cultural a partir da fenomenologia devemos analisar as ações, as percepções e compreender as simbologias que transformam os espaços em lugares, onde as experiências e vivências do lugar e a

afetividade pela terra desempenham um papel fundamental na construção e identidade de uma nova paisagem. Considerações de cunho epistemológico referenciam a figura de Ratzel e suas concepções e proposições de cultura, artefatos, deslocamentos e adaptação ao meio que tanto influenciaram os trabalhos neste campo da geografia, uma vez que para ele o estudo geográfico da cultura confundia-se com a dos artefatos utilizados para dominar o espaço. A partir desses pressupostos, Ratzel reconhecia nos povos a mobilidade como um atributo a sua essência, uma vez que estes dominam as técnicas que asseguram e se fazem necessárias a sua adaptação; assim, atribui um lugar importante aos fatos de cultura, porque a vincula aos meios de aproveitamento do meio ambiente e àqueles estabelecidos para facilitar deslocamentos.

Em relação contextualizada, para Vidal de La Blache como para os geógrafos alemães ou americanos, a cultura pertinente é aquela que se aprende através dos instrumentos que as sociedades utilizam e das paisagens que modelam (CLAVAL, 2001).

Já Carl Sauer em 1925 sugeria que o estudo de um conceito síntese da geografia, a paisagem, deveria se iniciar com a adoção de um sistema crítico delimitado pela fenomenologia da paisagem como método de estudo da relação entre o homem e o ambiente por ele formatado e transformado em habitat, em paisagem cultural (CORREA e ROSENDAHL, 2003).

Essas idéias amadurecem e vários autores começam a explorar a utilização da fenomenologia e do existencialismo pela geografia, um desses autores é Anne Buttimer. Para ela, o diferencial dessas filosofias é o de abranger a totalidade do ser, percepção, pensamento, símbolos e ação, o que se constata na prática, onde se torna impossível delimitar claramente o que é sujeito e o que é objeto (MARANDOLA e GRATÃO, 2003). Na abordagem fenomenológica foram apropriados os conceitos de “mundo vivido” e de “ser no mundo”, que na geografia seria identificado com o conceito de “lugar” (HOLZER, 1999).

Outro autor que passa a se valer dessa filosofia é Yi Fu Tuan. Esse autor considera que a geografia começa a ter uma orientação humanista, onde o objetivo não era se deter na exploração de um tema único, mas de fazer uma nova leitura de todos os temas geográficos, de construir o conhecimento científico de modo crítico, procurando na filosofia um ponto de vista para a avaliação dos fenômenos humanos (TUAN 1980).

Ao questionar se pode a geografia humanista oferecer um novo modelo de enxergar os fenômenos geográficos, Tuan indica cinco temas de interesse da geografia humanística: o conhecimento geográfico, território e lugar, aglomeração e privacidade, modo de vida e economia e religião (TUAN, 1980).

Assim, Tuan propõe falar simplesmente de uma abordagem humanista. Esta corrente surge como um componente indispensável de toda a ciência geográfica, já que a proposta insiste sobre a importância do vivido, sobre o sentido dos lugares, o peso das representações religiosas, enfim, é necessário conhecer a lógica profunda das idéias, das ideologias ou das religiões para ver como elas modelam a experiência que as pessoas tem do mundo e como influem sobre a sua ação e percepção (CLAVALL, 2001).

Neste contexto, acredita-se que as idéias a respeito do espaço surgem dos seres humanos, não somente com relação aos laços de afetividade que os unem ao lugar, mas também dos aspectos mais simples de seu cotidiano, e, por estarem ligados a valores e sentimentos, os lugares lembram as experiências e desejos dos seres humanos, tornando-se fundamentais para o reconhecimento de sua identidade. Mas convém ressaltar que espaço e lugar são distintos. Cada um com suas individualidades e singularidades.

“Espaço e Lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. Não há lugar para outro edifício no lote. As Grandes Planícies dão sensação de espaciosidade. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. Os geógrafos estudam os lugares. Os planejadores gostam de evocar um sentido de lugar. Estas são expressões comuns. Tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivo, nós os admitimos como certos. Quando, no entanto, pensamos sobre eles, podem assumir significados inesperados e levantam questões que não nos ocorreria indagar” (TUAN, 1983).

Assim Tuan utiliza-se de um neologismo para fazer referência ao elo das pessoas para com o ambiente, “a palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza, e modo de expressão” (TUAN, 1983).

Esses laços de afetividade que ligam o homem ao lugar vivido despertam sentimentos e provocam relatos e referências verbais e escritas de poetas, intelectuais e

mesmo cidadãos comuns, os quais buscam evocar a alma dos lugares, captam e descrevem o desempenho dos seres humanos, a fixação aos lugares, o cotidiano, o transcendental, a nostalgia, enfim uma gama ampla de motivos e emoções.

2.6 O espaço na fenomenologia.

A compreensão dos espaços e suas paisagens através experiência pode se dar por meio dos sentidos comuns, ou seja, visão, audição, olfato e paladar, ou especiais, como o sentido das formas, de harmonia, de equilíbrio, de espaço e de lugar, que chegam a nós direta ou indiretamente. Ou seja, diretamente pelos sentidos, e indiretamente, pelas informações adquiridas por meio das pessoas, das escolas, dos livros, e dos meios de comunicação, por palavras. Assim, cada imagem e idéia sobre o mundo são compostas de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória. Podemos dizer, então, que os lugares vividos, os mundos descritos na literatura e representados nas artes, a imaginação e fantasia, todos contribuem para as nossas imagens sobre a natureza, ou seja, de tudo que o homem constrói e dele mesmo. Assim experiências cotidianas vêm construir ou enriquecer o nosso imaginário da realidade.

Segundo Relph (1979), as experiências de lugares, espaços e paisagens têm sido reconhecidas por geógrafos, como Sauer (1963), Vidal de La Blache (1913) especialmente, no que se refere ao significado de lugar. Porém, as investigações sobre consciência e experiência mais conhecidas são as de Tuan.

Para Tuan, o espaço e o lugar são analisados a partir das experiências do homem. O autor afirma que o lugar é segurança e espaço é liberdade e ressalta que, ao mesmo tempo em que somos apegados ao lugar, desejamos também a liberdade sugerida pela idéia do espaço. Definindo espaço e lugar como “termos familiares que indicam experiências comuns” (TUAN, 1983). O autor firma ainda que “... quando, no entanto, pensamos sobre eles, podem assumir significados inesperados e levantam questões que não nos ocorreria indagar” (TUAN, 1983).

Dentro desse contexto o autor nos leva a pensar que, na experiência, a compreensão de espaço pode fundir-se com a de lugar, porém o espaço é mais abstrato do que o lugar. O autor afirma que, “... o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor. As noções de espaço e de lugar não podem ser definidas uma sem a outra” (TUAN, 1983).

Salienta que “é impossível discutir o espaço experiencial sem introduzir os objetos e os lugares que definem o espaço, este transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983).

Tuan (1983) aborda em sua obra “Espaço e Lugar”, temas “relacionando o corpo aos valores espaciais, o espaço mítico, destacando a relação entre tempo e lugar, o espaço humanizado e a importância das experiências e subjetividades na constituição dos lugares” (TUAN, 1983).

Oliveira (1983, apud MARANDOLA e GRATÃO, 2003) destaca que Tuan, nessa obra, busca analisar as diferentes maneiras como as pessoas sentem e conhecem o espaço e lugar, tendo como tema central o homem e como ele experiência e entende o mundo.

Dentro desse contexto, a leitura dos espaços e dos lugares, por meio das experiências, evidenciam a valorização do homem enquanto sujeito, buscando a relação do espaço e do comportamento humano no ambiente. Dessa maneira, desvenda um mundo verdadeiramente percebido, construído sob os fundamentos do imaginário, afetivos e simbólicos do lugar.

A perspectiva fenomenológica poderia resolver, através de sua aceitação da subjetividade, problema da relação geográfica entre o homem e o espaço. “O homem e o mundo constituem uma unidade através de suas mútuas implicações, então é a intencionalidade que fornece sentido ao mundo e somente através do exame destas intenções poderemos tentar compreender esta unidade” (GOMES, 1996).

Essa aceitação é importante, pois, de acordo com Merleau-Ponty (2000), a percepção que os outros têm do mundo deixa-nos sempre a impressão de incompreensão, de forma que a percepção do mundo pelos outros não pode entrar em competição com a de quem que está fora do contexto, ou seja, cada pessoa assimila de um modo e tem sua própria percepção do vivido. Merleau-Ponty (2000) busca redefinir as noções mais fundadas sobre o mundo, com novas palavras, tentando reformar o entendimento, evidenciando o homem que não mais se reconhece, convidando-o a pensar-se como enigma. E ressalta que “... ao mesmo tempo é verdade que o mundo é o que vemos e que, contudo, precisamos aprender a vê-lo” (MERLEAU-PONTY, 2000). Assim a Fenomenologia é um tipo de releitura do espaço que leva em consideração as

imagens do mundo vivido, que por sua vez resultam das experiências vividas do cotidiano e das representações de ordem simbólica.

A ordem simbólica não está ligada à razão da mesma forma que os comportamentos e as atitudes no espaço também não vem totalmente dela. Gomes (1996) deixa bastante claro esse fato ao afirmar que:

“É por isso que toda análise que pretende ter acesso às verdadeiras motivações do comportamento social no espaço não pode partir de modelos lógicos. O método de interpretação consiste em resgatar o sentido a partir daquilo que circula entre a esfera da ação e da representação, projetado sobre o espaço. Para se chegar a essa interpretação, é preciso compreender o código complexo de signos e representações simbolizado no espaço”. (GOMES, 1996).

Desse modo o espaço que contempla simbolizações e signos ao adquirir identidade, passa à condição de lugar (TUAN, 1983). À medida que este lugar é vivido pelo homem, o imaginário é, gradativamente, construído a partir das experiências. Esse imaginário dos elementos espaciais vividos ao serem analisadas e interpretadas permitem revelar as percepções do espaço. Dentro deste cenário para estudarmos a percepção do espaço, podemos também, levar em consideração os trabalhos de Kevin Lynch.

Lynch em seus trabalhos preocupou-se com a questão da forma como as imagens são vistas e a qual sua importância para a cidade (DEL RIO, 1990). Segundo Del Rio, o objetivo de Lynch foi considerar a necessidade de identidade e estrutura em nosso meio perceptivo e demonstrar a importância da imaginabilidade no complexo meio urbano.

Assim, essa nova atitude somente seria possível com o desenvolvimento dos estudos de percepção do espaço urbano. Nesse sentido, Lynch (1997) coloca que existem outras influências atuantes sobre a imaginabilidade, como o significado social de uma área, sua função, sua história, remetendo-nos a um espaço criativamente transformado pelos grupos humanos, que denominamos de espaço social. Ao estudarmos esse espaço, compreendemos as transformações e as crises sociais,

apreendidas no conjunto de fatos, de acontecimentos, de paradoxos ou de contradições que caracterizam a sua transformação no mundo moderno.

As transformações desses espaços refletem a diversidade e as desigualdades na divisão de riqueza. Essa explicação foi criada por Marx na segunda metade do século XIX, continua atual e fecundando diversas interpretações sobre o espaço (FERRARA, 1988). Segundo Ferrara (1988), o próprio conceito de espaço social, transformado ou em transformação pela ação de seus usuários, impõe um esforço interdisciplinar de diálogo entre as várias ciências que se ocupam do espaço social, no sentido de produzir não uma explicação, mas uma interpretação que se apóia em percepções sensíveis do espaço social a fim de construir a sua inteligibilidade. Dessa forma, a autora aponta a Semiótica como uma operação interdisciplinar entre o sensível e o inteligível, na qual o espaço social tem como objeto de estudo a linguagem do espaço, o modo como se representam e suas transformações.

A Semiótica do espaço social registra e compara esses signos que os processos de transformação social deixam no espaço, para, a partir delas, interpretar a transformação. A transformação do espaço social, apreendida nas suas imagens, constitui uma representação mediadora das explicações das demais ciências, pois, se a imagem do espaço social é ilusória à luz da explicação científica, é real e objetiva como expressão concreta do espaço; Se contradiz a lógica explicativa e ilude sua racionalidade, é essa imagem que identifica a dimensão social do espaço e termina por ser a sua própria realidade. Ressalta ainda que “... essas imagens são metáforas do espaço que se multiplicam e se adensam, superpondo-se umas às outras, de tal modo que a sua percepção substitui o próprio espaço, e são mais fortes do que qualquer explicação racional” (FERRARA, 1988).

Assim, a autora salienta ainda que a semiótica ao dialogar com outras ciências humanas, tomando-as também como linguagem, permite uma transdisciplinaridade, que é a interpretação do caráter interdisciplinar da ciência moderna. Rompe-se, assim, a divisão entre as ciências e ampliam-se os problemas e os campos de investigação. Dessa forma, encontram-se as ciências que buscam interpretar e explicar as transformações sociais que ocorrem no espaço, sobretudo, o urbano, e a ciência da linguagem que encontra, no espaço, as marcas da transformação e, pela análise da sua natureza, procura

chegar às crenças, aos valores, aos hábitos e às expectativas humanas que transformam o espaço.

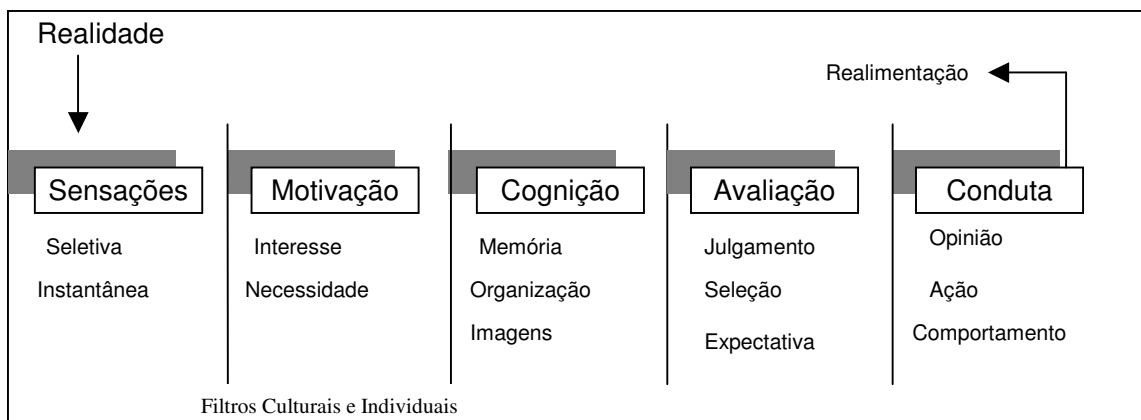
As imagens do espaço vivenciado encontram na Semiótica a interpretação dos signos, inferindo-lhes significados. Contudo, associadas à abordagem fenomenológica do espaço, permitem-nos lacrar as brechas interpretativas da realidade urbana e analisar e perceber o espaço como um todo.

2.7 A percepção e o imaginário do espaço urbano.

Nossa percepção não identifica o mundo exterior como ele é na realidade, e sim como as transformações, efetuadas pelos nossos órgãos dos sentidos, nos permitem reconhecê-lo. Assim é que transformamos fótons em imagens, vibrações em sons e ruídos e reações químicas em cheiros e gostos específicos. Na verdade, o universo é incolor, inodoro, insípido e silencioso (OLIVEIRA, 2005).

O homem conhece o mundo que o cerca através de seus sentidos que reagem aos vários tipos de energia que o cerca, assim, a realidade a sua volta pode ser percebida através dos cinco sentidos (olfato, visão, audição, tato e paladar). Segundo Del Rio (1996, apud BARAÚNA 1999), a mente organiza e representa a realidade percebida através de esquemas perceptivos e do imaginário, com atributos específicos (cf. figura 1).

Notamos, então, que cada pessoa pode ter uma interpretação dos elementos, dependendo de sua sensibilidade sensorial e da importância que o elemento possui para ela, criando uma imagem mental daquele elemento. Assim em todo imaginário encontramos discursos, textos e imagens que representam as idéias subjetivas de um indivíduo e, também a idéia do grupo ao qual o indivíduo pertence. Assim o imaginário é onde se articulam as memórias de cada grupo, pois essas, sejam sobre de uma pessoa ou de um acontecimento, são ligadas com outros fatos ocorridos, dando uma coerência a ela e à sua expressividade, e justificando visões com as quais se identifica.



Fonte: DEL RIO, 1996 Apud BARAÚNA, 1999.

Figura 1: Esquema do Processo Perceptivo.

De acordo com o esquema proposto por Del Rio cada um de nós cria e organiza sua realidade, de acordo com a própria percepção e desejo, transformando-a em representação, em imaginário. “A geografia do mundo é unificada somente pela lógica e óticas humanas, pela luz e cor do artífice, pelo arranjo decorativo e pelas idéias do bom, da verdade e da beleza” (LOWENTAL, 1982, apud MACHADO, 1996, apud BARAÚNA 1999).

A memória representada, desse modo, não é apenas um relato sobre algo, já que carrega em seu seio representações de mundo que seu autor tenta dar visibilidade, inserindo-a nas relações, nas produções sociais, ansioso pela aceitação de seus valores como reconhecidos e assimilados por outros. Entendamos, nesse momento, produção social também como produção do espaço uma vez que já explicitamos anteriormente que o espaço é, também, fruto dos movimentos da sociedade. Levando em consideração que a construção do imaginário se dá nesse espaço de forma sistêmica.³ Assim, o imaginário, a maneira como as pessoas percebem seu grupo, sua sociedade, seu modo de ver o mundo influencia atos, atitudes e posicionamentos sócio-político-culturais. O que é valorizado ou não, o que é lícito ou ilícito, são posicionamentos que se alteram, sendo constituídos historicamente e, portanto, passíveis de serem interpretados (CASTORIADES, 1982).

Os seres humanos são os únicos que criam uma representação da realidade para enganar a si próprios ou a seus semelhantes. Todos os outros seres interagem apenas

³ O espaço influencia a sociedade que produz e reproduz o espaço que novamente influencia a sociedade.

com a realidade material, enquanto o homem, não satisfeito em alterá-la, procura também criar uma espécie de nova realidade, uma realidade abstrata, o imaginário. No imaginário o homem é capaz de moldar o ambiente e seus elementos, de acordo com sua vontade, com seu desejo. A apropriação do ambiente é, dessa forma, influenciada pelo imaginário, e também a apropriação do espaço é influenciada pelo imaginário.

Como afirma Castro (1997) “(...) todo imaginário social é também um imaginário geográfico, porque, embora fruto de um atributo humano – a imaginação – é alimentado pelos atributos espaciais não havendo como dissociá-los” (CASTRO, 1997). Ou seja, o imaginário social, se constitui numa série de imagens carregadas de sentimentos e emoções, que são criadas também pelo espaço, que tem o poder de influenciar atitudes dos indivíduos. O imaginário social fornece, assim, a coerência para tornar visível e interpretável os simbolismos presentes nas relações dos homens entre si e com o seu espaço, os quais materializam-se nos diferentes modos de organização sócio-espacial (CASTRO, 1997).

Dentro desse contexto o imaginário urbano, subjetivo e imaterial, aparece como uma referência para a construção da cidade material, isto é, para a percepção e conseqüente formulação de imagens pelos cidadãos, num processo interativo em que cidade e homem se moldam. A cidade material pode ser considerada como a materialização de uma condição imaginária, que se transforma continuamente. O reconhecimento deste imaginário contribui para a compreensão da cidade, dos processos que geraram seus signos e da sua própria identidade. Como Lynch (1997) afirma, não percebemos a cidade como um todo, mas partes dela com as quais o cidadão se identifica ou estabelece algum vínculo. Ou seja, um lugar.

Na Geografia, o *lugar* é o espaço que adquiriu características tão distinguíveis na interação pessoas-espaço físico, que dela são geradas ligações afetivas entre os usuários e o ambiente, relação que faz Tuan (1980) criar a conhecida expressão ‘topofilia’ para designar essa aproximação (CASTELLO, 2000).

Mas o autor citado nos alerta que o lugar “pode não ser a causa direta da topofilia, entretanto fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais” (TUAN, 1980). Por exemplo, um determinado número de pessoas que moram em um bairro reconhecem sua área, porém é possível não conheçam uma área ocupada em outro bairro da mesma cidade. Os lugares estão

carregados de afetividades e simbologias para um determinado indivíduo, que também fazem parte do imaginário coletivo.

A afetividade do indivíduo com o lugar se realiza quando são resgatados, no imaginário, lembranças de imagens representativas, ou nas palavras de Tuan “a história é responsável pelo amor à terra natal” (TUAN, 1980). Essas imagens podem não só dar conta da totalidade concreta, mas referir-se a coisas efêmeras e familiares, com as experiências ou acontecimentos mais simples que se transformam em um sentimento profundo em relação ao lugar.

Estudar o imaginário é, desse modo, uma forma de revelar como se forma o processo da construção de imagens de uma sociedade que por sua vez modifica o próprio espaço, tomando como base a cultura que influencia toda a construção dessas imagens, mas também é parte dela e cria uma rede de valores e significados que a sociedade utiliza ao longo de sua existência.

3 METODOLOGIA

3.1 Pesquisa de campo.

A análise espacial de uma cidade pode ser vista de diversos pontos de vista, mas, ao vê-la como espaço de intervenção construído socialmente, nos deparamos com relações estabelecidas entre o ser humano como indivíduo, o grupo social, o ambiente e as ações refletidas na organização espacial.

Os elementos materiais que compõem esse espaço adquirem significado ao serem interpretados pela investigação empírica. O imaginário refletido nas respostas do questionário desvendam uma visão de mundo estabelecida pelo grupo social.

Nesse sentido, nos valem da abordagem humanística em sua vertente fenomenológica, em direção aos conceitos de espaço vivido, cujos resultados das análises aqui apresentados não tem a pretensão de serem conclusivos. São análises que trazem contribuições que podem ser relevantes para compreensão das interações entre cidadão e o espaço urbano, abrindo, talvez, novas perspectiva para futuras empreitadas.

Assim, organizamos essa pesquisa com a aplicação de questionários aos entrevistados na tentativa de entender um pouco mais como as pessoas percebem os elementos da cidade e como se relacionam com eles a partir disso. Mas, como dentro do enfoque fenomenológico, o homem é tomado como sujeito, dotado não só de razão, mas de sentimentos, crenças e valores, e, desse modo, ao estudamos a percepção do espaço, deparamo-nos com dados subjetivos na construção dos conceitos de lugar e de espaço vivido, tornando a análise espacial mais abrangente rumo às análises das relações existentes nos espaço urbano. Optamos, então, por não oferecer aos entrevistados alternativas para as questões, deixando-os com total liberdade de escolher as respostas, e apresentarem sua visão.

Pretende-se que a análise das respostas dadas ao questionário possa ser organizada em forma de gráficos que representem as respostas de forma quantitativa, e utilizando sempre que possível e conveniente as respostas para outras formas de interpretação como os mapas, ou mesmo utilizando as próprias citações dos entrevistados para melhor compreensão do assunto.

3.2 Organização da pesquisa.

A pesquisa empírica foi organizada em duas partes. A primeira registrando dados por meio de questionário (ANEXO 01) aplicado aos estudantes e taxistas e a segunda, de análise e interpretação dos dados obtidos.

O questionário aplicado aos estudantes moradores de alojamento e aos taxistas continha dezesseis questões que tinham com objetivo: identificar o entrevistado, saber como os entrevistados percebiam e identificavam a cidade de Viçosa e conhecer o valor e afetividade da cidade entre os entrevistados.

Alguns obstáculos foram encontrados durante a realização do trabalho de campo. O tempo gasto pelos entrevistados para responder as perguntas dificultaria a conclusão do trabalho em tempo hábil para entrega do trabalho. A receptividade dos indivíduos foi boa, porém o tempo de resposta à entrevista era muito grande, o que fez com que eu tivesse que adaptar o questionário e pedir colaboração para a realização das entrevistas. Desse modo, às primeiras entrevistas funcionaram como um pré-teste. Lakatos (1991), destacando a importância do pré-teste, afirma que:

Depois de redigido, o questionário precisa ser testado antes de sua utilização definitiva, aplicando-se alguns exemplares em uma pequena população escolhida. A análise dos dados, após a tabulação, evidenciará possíveis falhas existentes: inconsistência ou complexidade das questões; ambigüidade, ou linguagem inacessível; perguntas supérfluas ou que causam embaraço ao informante; se as questões obedecem a determinada ordem ou se são muito numerosas etc. (LAKATOS, 1991).

Verificada a necessidade de modificações, a entrevista passou a contar com 12 perguntas e eu passei a contar com uma pessoa na realização das entrevistas. Sem essa adaptação o tempo de realização da pesquisa teria sido ultrapassado uma vez que não seria possível entrevistar toda a parcela amostral em tempo hábil e realizar a interpretação dos dados obtidos.

3.3 Definindo o universo dos grupos entrevistados.

Neste estudo pretendemos mostrar através de pesquisa em campo, como o espaço urbano de Viçosa é percebido e valorizado por dois grupos.

Os grupos são compostos por estudantes moradores de alojamento e taxistas que representam a população de Viçosa. O grupo dos taxistas foi escolhido como representante da população de Viçosa devido à mobilidade dos indivíduos no espaço urbano, e também pela facilidade de localização e abordagem dos indivíduos desse grupo.

Buscamos entender como o espaço urbano é percebido, apreendido pelos indivíduos, através das respostas dadas ao o questionário aplicado, decodificando-os e explicitando os elementos urbanos essenciais dentro do ponto de vista de cada grupos.

O grupo dos estudantes pesquisado integra o universo total de 1382 indivíduos (cf. tabela 2) caracterizado por indivíduos jovens entre 18 e 30 anos, vindos de outras cidades, e alguns de outros estados. Esse grupo possui uma movimentação na cidade limitada a área da universidade, ao bairro Centro e suas proximidades.

Já o grupo dos taxistas integra um universo de 86 indivíduos, caracterizado por indivíduos entre 20 e 50 anos, segundo a associação dos taxistas de Viçosa⁴. Os taxistas em constante movimentação pela cidade devido a seu trabalho podem nos apresentar variáveis interessantes no que diz respeito à percepção do espaço.

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, a localização dos entrevistados e sua quantidade, optou-se nesse trabalho por realizar um processo de amostragem probabilística aleatória simples. A respeito da amostragem probabilística, Mattar (1999) define como: “aquela em que cada elemento da população tem uma chance conhecida e diferente de zero de ser selecionado para compor a amostra”. Gil (1996) nos afirma que esse processo consiste basicamente em atribuir a cada elemento do universo um número único para, depois, selecionar alguns desses elementos de maneira casual.

O trabalho empírico realizado em campo foi desenvolvido num período de dez dias, nos quais eu e minha colaboradora mantivemos contato com os indivíduos dos dois grupos que compuseram a amostra. As perguntas do questionário eram feitas aos entrevistados deixando-os livres para dar suas respostas. Todos os estudantes foram bastante receptivos ao questionário e fizeram nenhuma objeção em respondê-lo. Já entre os taxistas, embora sempre bastante cordiais e simpáticos alguns tiveram receio de

⁴ Informação verbal

responder os questionário negando-se de imediato a fazê-lo, outros só aceitaram respondê-lo depois de entenderem que não se tratava de nenhuma forma de avaliação dos taxistas e que eles não teriam nenhum prejuízo respondendo ao questionário.

Tabela 2
Estudantes moradores de alojamentos.

	Alojamento	Numero de vagas
Femininos	Feminino	290
	Novo	184
	Velho	88
Masculinos	Novíssimo	192
	Pós-Graduando	360
	Pósinho	180
	Velho	24
	Nome não informado.	64
TOTAL		1382

Fonte: UFV.

3.4 Definindo o tamanho da amostra.

O tamanho da amostra foi estabelecido para um nível de confiança de 90%, com proporção de características do universo de 50% e com erro de estimação de 7%, utilizando a fórmula proposta por Tagliacarne (1978) para universos finitos.

n = amostra = parte representativa do universo

n = tamanho da amostra procurada

N = universo

z = grande certeza ou confiança = 90% = 1.64 (adotado para trabalhos acadêmicos).

e = erro máximo = 7% = 0.07 (adotado para trabalhos acadêmicos)

$$p' \text{ e } q' = 50\% = 0,5$$

Assim para o universo de 1382, definido para os estudantes moradores de alojamento temos:

$$n = \frac{1382 \times (1,64)^2 \times 0,5 \times 0,5}{(1382-1) \times (0,07)^2 + (1,64)^2 \times 0,5 \times 0,5}$$

$$n = \frac{929.2568}{7.4393}$$

$$n = 124,9$$

A parcela de estudantes moradores de alojamentos ficou definida então em 125 estudantes. Enquanto para os taxistas por contarem com menos de 100 indivíduos todos seriam entrevistados, porém, a dificuldade de encontrar todos os elementos e a negativa de alguns deles em responder o questionário, fez com as entrevistas fossem diminuídas, sendo entrevistados 59 taxistas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Os elementos que compõem o imaginário urbano.

A primeira impressão que se procurou verificar durante as entrevistas foi como os entrevistados identificavam Viçosa, como eles percebiam a paisagem da cidade. Nessa resposta ficou evidente que os cidadãos descrevem sua cidade por meios de seus equipamentos materiais e físicos. Sendo que a maioria dos entrevistados dentre os taxistas disse, embora, não nessas palavras, que Viçosa era uma “concentração de população” com “ruas, prédios, automóveis, comércio etc.” Enquanto, a maioria dos estudantes disse que Viçosa era a “Universidade”, embora possa observar-se nas respostas dos estudantes que grande parte deles deu respostas semelhantes aos taxistas, talvez por trazerem de seu imaginário a lembrança de sua cidade natal ou de outras cidades.

Nesse primeiro momento do trabalho já percebermos que os dois grupos têm uma percepção diferente do que a cidade de Viçosa, ligando a resposta a elementos de sua atividade. Os estudantes por realizarem suas atividades no *campus* da universidade e serem moradores dos alojamentos não utilizam o espaço urbano de Viçosa com muita frequência e pouco conhecem desse espaço, limitando a cidade ao *campus* da universidade. Enquanto os taxistas percorrem diariamente os as ruas da cidade ligam a cidade ao que eles consideram a área urbana e a concentração de população.

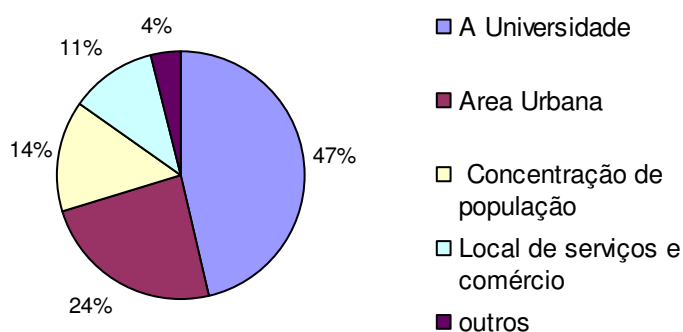


Gráfico 1. A cidade para os estudantes.

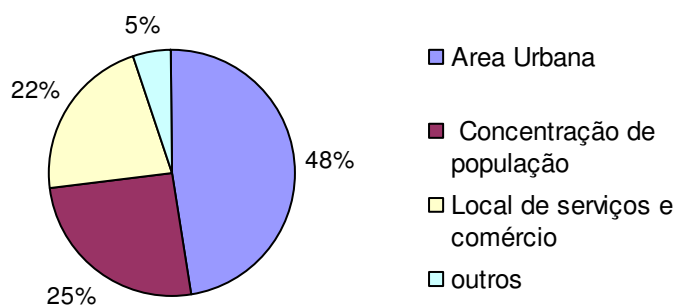


Gráfico 2. A cidade para os taxistas.

A diferença de percepção, mencionada acima, também se manifesta quando perguntamos aos entrevistados quais os elementos da cidade de Viçosa possuíam maior importância na cidade. Os estudantes em sua maioria responderam que o elemento de maior valor da cidade era a Universidade, ou estruturas e ligadas a ela. Os taxistas por sua vez citaram as ruas de Viçosa, as praças, marcos históricos e religiosos.

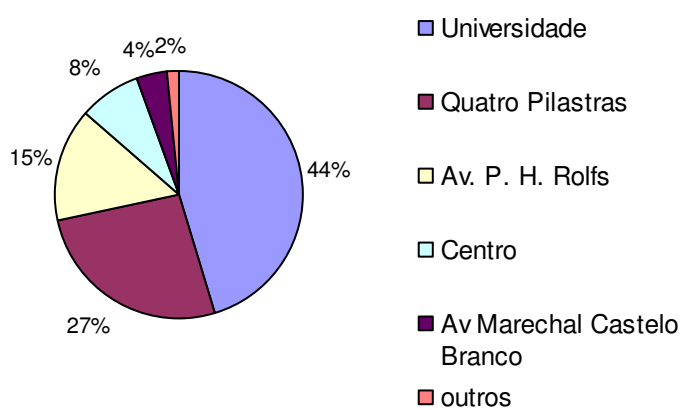


Gráfico 3. Os elementos mais importantes da cidade para os estudantes.

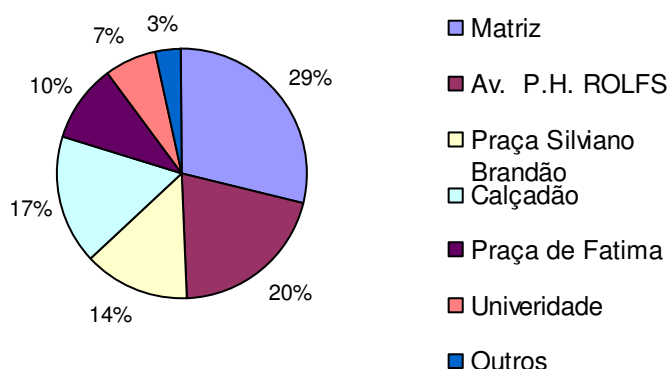


Gráfico 4. Os elementos mais importantes da cidade para os taxistas.

A diferença demonstrada nos gráficos acima pode ser compreendida segundo um argumento de Tuan. Segundo o autor:

O nativo tem uma complexa e derivada percepção de sua imagem por estar imerso na totalidade de seu meio ambiente. Sua expressão é uma forma complexa de acordo com o mito e valores locais do meio. A avaliação do meio por um estrangeiro obedece a critérios estéticos, regulados por um juízo de valor inerente ao visitante (TUAN 1980).

É dessa forma que os estudantes se sentem em relação à cidade de Viçosa: como estranhos como visitantes, tanto que em mais de uma vez ao longo dos cinco anos em passei em Viçosa ouvi os alunos da universidade se referirem aos moradores da cidade como “nativos”. Observa-se ainda nas respostas uma certa ligação dos indivíduos com lugares citados. Os estudantes nos apresentam em suas respostas elementos ligados ao *campus* universitário, onde esses possuem uma maior identidade, ou afetividade. O mesmo acontece com os taxistas que citam muitas vezes o local onde se encontra seu ponto de trabalho ou as áreas centrais da cidade por onde ele sempre está circulando.

Podemos ressaltar que as respostas dos taxistas levam em conta pontos de referência, já que esses pontos tornam-se elementos de identificação e de expressão urbana, ou seja, à medida que esses locais relacionam-se com o homem pelos sentimentos e vivências construindo o urbano da cidade. Esse fato pode ser explicado

pela afirmação de Castello, já citado nesse trabalho, onde ele nos diz que “o lugar é o espaço que adquiriu características tão distinguíveis na interação pessoas-espaço físico, que dela são geradas ligações afetivas entre os usuários e o ambiente” (CASTELLO, 2000). Assim, ao responder as perguntas do questionário os indivíduos retomavam em seu imaginário, representações que de algum forma, tornaram-se um elo afetivo entre eles e seu lugar, ou seja, criaram a topofilia.

4.2 A percepção do espaço urbano.

Uma diferença marcante entre os estudantes e os taxistas ficou evidente quando eles responderam o que consideravam como espaço urbano de Viçosa. Mais uma vez a mobilidade dos grupos no espaço e sua identidade tiveram papel fundamental nas respostas. A limitação de movimentos dos estudantes dentro da cidade os levou a definir a área urbana com o espaço do *campus* da Universidade, o centro da cidade, os bairros Clélia Bernardes, Ramos e o Bairro Santo Antonio (cf. Figura 1). Porém grande parte dos estudantes definiu apenas o *campus* da UFV e o Bairro Centro com sendo a área urbana de Viçosa.

Já para os taxistas o espaço urbano de Viçosa é bem mais amplo. Ao responder a pergunta eles citaram os bairros centrais, assim como os estudantes, mas também apontaram bairros mais afastados como Barrinha, Vau-Açú e Silvestre (cf. Figura 2).

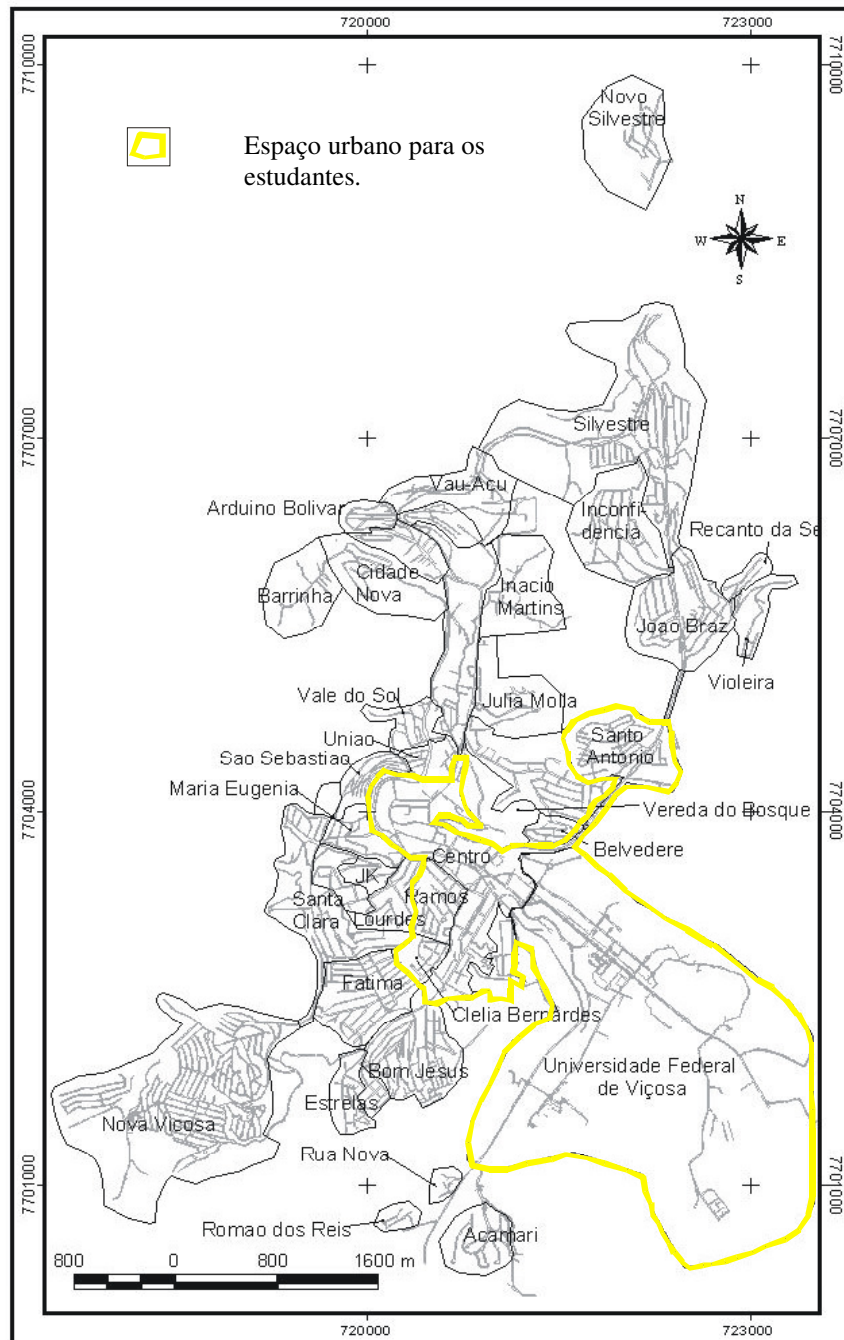
Essa diferença de delimitação espacial do urbano pode ser explicada, novamente pela percepção que o indivíduo tem do espaço, ou seja, cada um de nós tem em seu imaginário uma representação do real entregue por nossas percepções, por nossa experiência pessoal.

Certamente, há várias maneiras de se ver o mundo e cada imagem e idéia a respeito do mundo são formuladas a partir da experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória. Todos os tipos de experiência, desde as mais ligadas ao cotidiano do ser humano, ou as mais distanciadas do mundo diário, compõem o quadro individual da realidade.(...) Cada um de nós cria e organiza sua realidade, de acordo com a própria percepção e desejo (BARAÛNA 1999).

Construímos assim um espaço vivido, isto é um espaço que é construído socialmente a partir da percepção e do desejo das pessoas. Construímos nosso lugar. “O

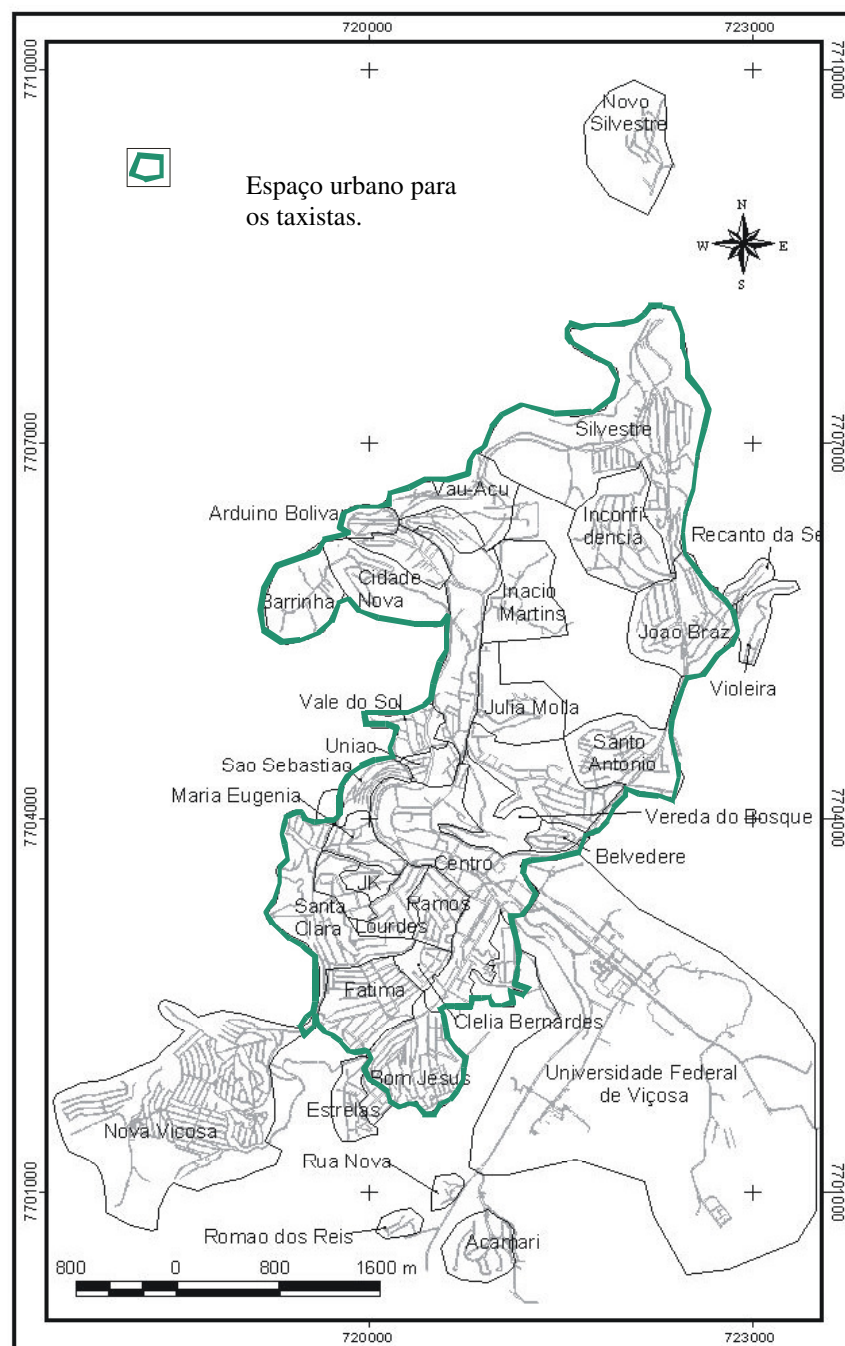
espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido [...] que [...] se refere ao efetivo, ao mágico, ao imaginário” (HOLZER 1992 apud CORRÊA, 1995).

Dessa forma “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação” (SANTOS, 1987). Aparentemente isso é o que ocorre com os estudantes, uma vez que grande parte da cidade de Viçosa é desconhecida por eles, não faz parte de seu imaginário e pode não possui significado.



Fonte LABGEO-UFV. Adaptado pelo autor.

Figura 2: Delimitação do espaço urbano para os estudantes



Fonte LABGEO-UFV. Adaptado pelo autor.

Figura 3: Delimitação do espaço urbano segundo os taxistas.

Ainda no que diz respeito ao espaço urbano os entrevistados foram questionados sobre a utilidade e o uso do espaço urbano. O interessante nas respostas a

esta questão foi a constatação de que tanto os taxistas quanto os estudantes usaram a expressão a “eu vou até a cidade para...” referindo-se ao centro urbano. Mesmo descrevendo na pergunta anterior a área do *campus* da universidade como pertencente ao espaço urbano da cidade de Viçosa os estudantes usaram a expressão acima citada, deixando a entender que apenas o centro da cidade era a área urbana. O mesmo fato ocorreu com os taxistas que embora residissem em áreas definidas por eles como área urbana, usaram do mesmo expediente para definir a utilidade do centro urbano.

A expressão utilizada por ambos os grupos revela um certo funcionalismo urbano presente em seu imaginário, já que denota a existência de um lugar para cada função. Há o lugar da moradia, o lugar do trabalho, o lugar das compras. Esse modelo funcionalista vai de encontro aos interesses de acumulação capitalista, uma vez que influencia a organização da circulação no espaço e a manutenção do espaço organizado para ordenar determinadas hierarquias sociais, ou seja, pode acabar por segregar espacialmente indivíduos e fazendo com que esse centro seja utilizado apenas por uma parcela da população. Assim, ao observarmos as repostas, podemos constatar que aparecem nas respostas dos estudantes o lazer e as compras como principais utilidades para o centro da cidade, enquanto os taxistas citam o trabalho e as compras. Essa indicação nos leva a compreender a necessidade de consumo dos dois grupos, que pode fazer com que surjam outras espacialidades como reflexo disso, de modo a acomodar essas necessidades de acumulação e circulação de capital.

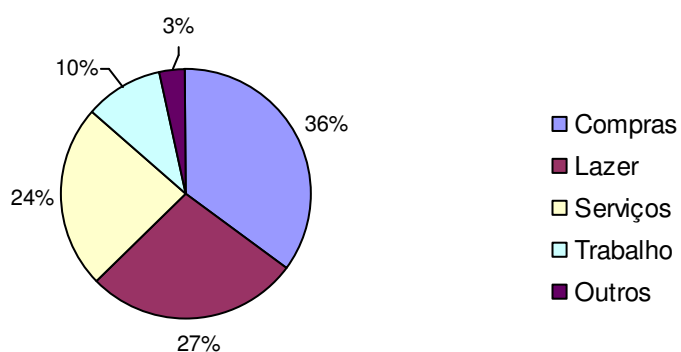


Gráfico 5. Utilidade do centro Urbano para os estudantes.

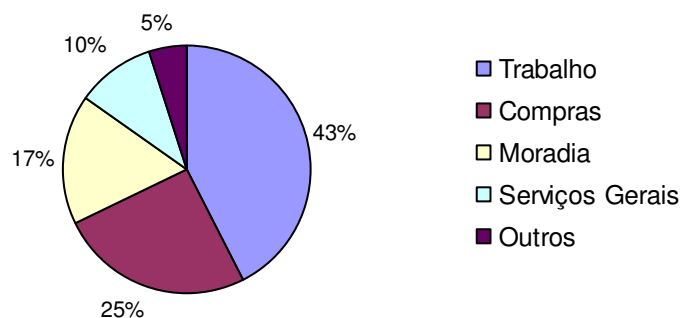


Gráfico 6. Utilidade do centro urbano para os taxistas.

4.3 A afetividade entre os indivíduos o espaço.

Para verificar a afetividade foi perguntado aos entrevistados, o que eles gostavam e que eles não gostavam na cidade de Viçosa, e o que eles sentiam pela cidade.

Ao levantar o que não gostavam na cidade os dois grupos trouxeram de seu imaginário, principalmente, imagens do que lhe provocam medo, insegurança e desconforto físico.

Os alunos citaram como principal ponto negativo da cidade de Viçosa a violência, os constantes roubos que ocorrem nas ruas da cidade e a insegurança no trânsito. Observe-se que a grande maioria dos estudantes entrevistados não possui automóvel e se locomove pela cidade a pé ou com bicicletas, o que nos faz crer que a insegurança a que eles se referem está na falta de calçadas, ou em sua insuficiência, além da imprudência dos motoristas, o que provoca constantes acidentes muitas vezes fatais.

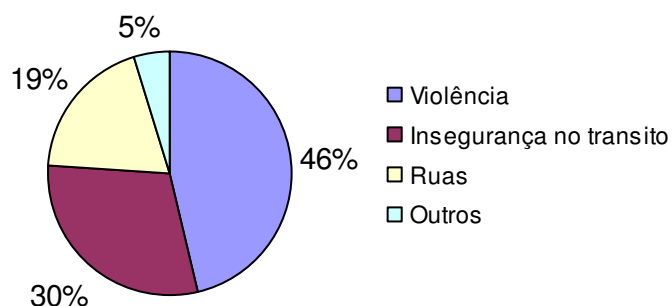


Gráfico 7. O que os estudantes não gostam em Viçosa.

Os taxistas concordam com os estudantes em relação à violência e por sua maior movimentação, citam o aumento das grades e cercas elétricas em bairros considerados de maior padrão como o Clélia Bernardes. Segundo um dos entrevistados a violência é hoje um dos principais problemas da cidade. “Com certeza o que eu menos gosto em Viçosa é essa violência que ‘ta’ tendo hoje em dia, a dez ou quinze anos atrás ‘num’ tinha esse monte de grade nas janelas, esse monte de assalto de carro e moto e esse monte de morte que ‘tá’ tendo hoje não. A gente vivia bem mais sossegado” (TAXISTA “A”).

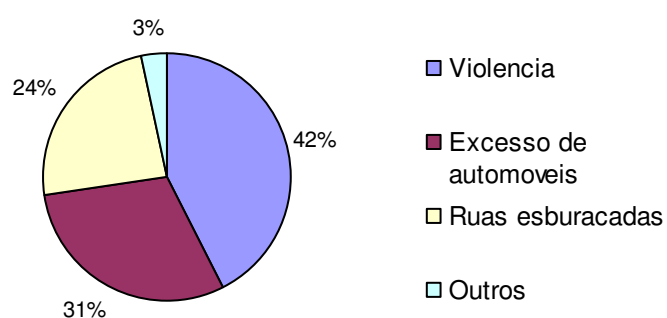


Gráfico 8. O que os taxistas não gostam na cidade de Viçosa.

Quanto ao que mais gostavam na cidade novamente os dois grupos escolheram elementos diferentes. Os estudantes foram praticamente unânimes em afirmar que o principal ponto positivo da cidade de Viçosa era o *campus* da Universidade. O segundo ponto para os estudantes é a Av. P. H. Rolfs e em seguida vinha o calçadão. Fica repetitivo afirmar mais uma vez o caráter topofílico da resposta dos estudantes mais o tenho apresentar para chamar a atenção dos elementos citados nas respostas se encontram em constante contato com os estudantes. Note-se que o *campus* é onde eles moram, realizam suas atividades acadêmicas e passam grande parte de seu tempo e os outros dois são os espaços onde eles geralmente passam para realizar suas compras e para freqüentar os bares, pizzarias e restaurantes que se encontram nesses lugares, ou seja, o lazer dos entrevistados influencia o seu gostar de um lugar.

Quanto aos taxistas as respostas foram mais heterogêneas. Muitos deles citaram a praça Silviano Brandão como o lugar que mais gostavam na cidade. Um dos marcos da cidade essa praça abriga a Matriz de Santa Rita de Cássia, padroeira da cidade, o que pode ter influenciado a resposta, outro fato de influencia foi que alguns dos entrevistados trabalhavam nessa praça. Além disso, é nessa praça que se localiza a casa que pertenceu a Arthur Bernardes, uma das grandes personalidades da cidade, responsável pela criação da ESAV⁵ que hoje é a Universidade Federal de Viçosa. Outros evidentemente disseram que gostam mais de suas casas ou os bairros em que moravam, e de forma surpreendente para mim alguns taxista citaram a universidade em suas respostas, o que me levou a questioná-los sobre os motivos. A resposta de todos foi semelhante e pode ser resumida pela resposta de um taxista que trabalha no ponto da rodoviária. “Essa universidade é que faz nos ganhar dinheiro, a maioria dos meus passageiros são estudantes ou pessoas que tem alguma ligação com a universidade” (TAXISTA B).

A verificação da afetividade dos entrevistados com o espaço urbano atingia seu ápice com a pergunta “o que você sente pela cidade de Viçosa? Por quê?”. Pretendia-se que eles, mesmo com toda a subjetividade que a resposta carregava, nos informassem o valor que a cidade carregava para eles. Realmente foi o que aconteceu. As respostas partiram para o campo abstrato dos sentimentos onde não me atrevo a entrar e tentar interpretá-los, pois nada acrescentaria uma vez que seria apenas a minha interpretação

⁵ Escola Superior de Agricultura de Viçosa. Criada por decreto do presidente Arthur Bernardes em 1922 e inaugurada em 1926.

pessoal de uma resposta já impregnada da personalidade do entrevistado. Porém, posso dizer que conforme supunha, o lugar em que o ser humano está inserido está relacionado a sua memória e seus sentimentos, ou como afirma Tuan, já mencionado nesse texto “a história é responsável pelo amor à terra natal” (TUAN, 1980). Foi possível chegar a essa conclusão pelas respostas completamente diferentes dadas pelos estudantes e pelos taxistas.

A maioria dos taxistas ligou sentimentos considerados bons em relação à cidade, sendo que apenas alguns disseram sentir medo da cidade, enquanto os estudantes se mostraram em sua maioria, indiferentes ou ligaram a cidade a sentimentos negativos. (cf. Gráfico 9 e Gráfico 10).

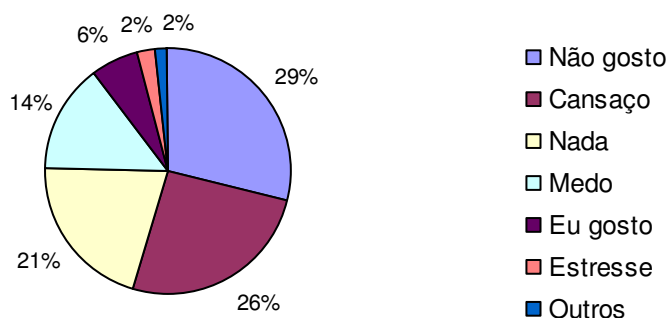


Gráfico 9. O que os estudantes sentem pela cidade de Viçosa.

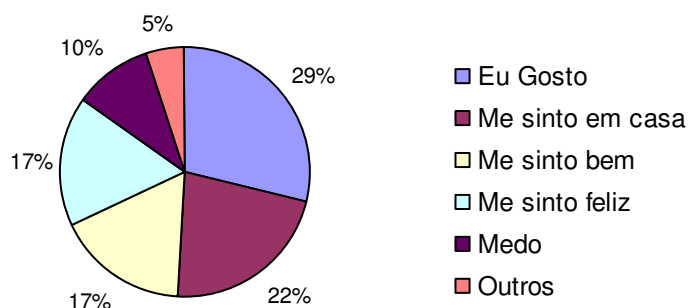


Gráfico 10. O que os taxistas sentem pela cidade de Viçosa.

4.4 Percepção, imaginário e produção do espaço urbano.

Estudar o imaginário é antes de tudo estudar o substrato da vida social, estudar um espaço socialmente produzido, um espaço dinâmico. As transformações no espaço ocorrem diariamente. Diariamente observa-se uma relação dinâmica e dialética entre a formação física e a simbólica das cidades. A cidade cria cidadãos, e estes criam um imaginário urbano.

O imaginário urbano atua como referencial constante para a construção da cidade real, para a percepção e conseqüente (re)formulação de imagens e conceitos de seus habitantes, num processo interativo em que cidade e homem se constroem mutuamente. A cidade real pode ser considerada como a materialização de uma condição imaginária, que se transforma –imaginária e materialmente – de forma contínua. O reconhecimento deste imaginário contribui para a uma melhor compreensão da cidade, dos processos que geraram seus signos e da sua própria identidade.

As entrevistas de campo mostraram que diferentes grupos constroem através de suas percepções diferenciadas, um imaginário diferenciado da cidade. Esse imaginário nos apresenta uma forma subjetiva de compreender o espaço urbano, de defini-lo e mesmo de se relacionar com ele.

Os cidadãos apreendem a cidade ao circular por seus lugares, mas suas percepções vão além dessas configurações apenas espaciais, já que a cidade é o espaço de suas idéias, de seus desejos, de seus medos.

A relação de afetividade dos taxistas pela cidade de Viçosa conforme observado no resultado das entrevistas é incontestável. Mesmo com sentimento de insegurança, eles gostam da cidade, eles se sentem em casa. Essa ligação da cidade com a casa é a maior expressão de afetividade do cidadão por sua cidade. Observemos que é nossa casa que nos sentimos abrigados, seguros e todas as nossas ações nesse espaço visam melhorar nossa vida, nosso conforto. Ou seja, organizamos nossos móveis e objetos, ordenamos os espaços de nossa casa de forma a oferecer uma boa circulação, para que possamos usufruir deles da melhor forma possível, e assim, as intervenções humanas no espaço urbano, também são carregadas de sentimentos que os cidadãos constroem ao longo de sua vida.

O medo, por exemplo, influencia a paisagem urbana com suas cercas elétricas, os muros e as grades, fazendo com que cada vez mais os indivíduos que não possuem esses itens em sua residência sintam-se inseguros e modifiquem sua residência e por consequência, a própria paisagem da cidade (cf Figura 4).

A falta de calçadas em grande parte das ruas de Viçosa, aliada à imprudência por parte dos motoristas faz com que os estudantes liguem em seu imaginário a cidade a insegurança, o que pode acontecer com outros grupos da cidade, levando a uma mudança dos trajetos de pedestres, transferindo fluxos de uma via para outra (cf. figura 5).



Figura 4: Foto de cerca elétrica no Bairro Clélia Bernardes (Foto de Daniel L. Casteluber. 2006)



Figura 5: Foto de rua com calçada deficiente no centro da cidade. (Foto de Daniel L. Casteluber. 2006)

Além disso, a ligação dos estudantes com a universidade faz com que esses desejem permanecer no *campus* universitário ou nas suas proximidades, potencializando o processo de especulação imobiliária no centro da cidade que já naturalmente valorizado, conforme aponta Pereira (2005).

Em Viçosa, a população local acaba tornando se vítima de um duplo processo de especulação imobiliária, visto que a área central, já valorizada por natureza, acaba se tornando mais valorizada por conta da proximidade com o *campus* da universidade federal. (PEREIRA, 2005).

Não estou afirmando que todo o processo seja fruto das percepções que os indivíduos possuem de seu espaço, obviamente existem uma série de fatores que interferem em tal questão. O que se afirma é que o processo de percepção acaba por diferenciar a valorização das diferentes áreas devido a ligação do indivíduo com seu lugar, sendo um dos fatores que impulsionam esse processo.

A organização dos agentes sociais se dá em um espaço de transformações que representam novas formas para a acumulação e criam novas condições para a mobilidade do capital e novos obstáculos à mobilidade espacial da força de trabalho, ou

seja, os espaços socialmente produzidos partem dos próprios pressupostos que esses agentes possuem do espaço urbano, das percepções desses indivíduos, de seu imaginário.

Essas modificações impostas pelos grupos urbanos transformam a paisagem da cidade, acabando com os aspectos de sua origem; sua tranquilidade e a segurança de uso dos seus espaços e de suas vias de acesso e circulação, o que leva a criação de uma nova imagem e conseqüentemente de uma nova identidade urbana, dando-lhes uma nova dinâmica, num processo de retroalimentação que gera uma nova percepção por parte de alguns indivíduos ou de um grupo e que pode se materializar no espaço urbano.

5 CONCLUSÃO.

Este trabalho teve como objetivos investigar por meio de entrevistas, como dois grupos da cidade de Viçosa percebem seu meio. Quais são os elementos que compõem seu imaginário e se as diferentes formas de perceber influenciam a valorização e transformação do desse espaço urbano.

A análise dos questionários permitiu verificar que os dois grupos entrevistados trazem em seu imaginário sentimento diferentes com relação ao espaço urbano e seus elementos. Cada grupo tem uma ligação diferenciada com esse espaço e isso se materializa nas respostas, apresentado uma cidade e dois lugares. Um lugar de estudantes, *o campus*, e outro lugar dos taxistas. Compreendemos assim que a cidade é o lugar de cada um, pois cada um vive o lugar através de sua cultura que, por sua vez, influencia suas experiências e ações.

Nesse sentido, notamos a importância de captarmos as percepções dos residentes, sejam eles estudantes universitários ou mesmo moradores já que como nos propomos no início do trabalho verificamos que as percepções de ambos são carregadas de subjetividade, de sua própria história de vida. Fato que faz com que cada grupo valorize e se relacione de forma diferente com os espaços em que estão inseridos. Assim o campus ganha caráter de lugar na visão dos estudantes, enquanto a cidade é o lugar dos taxistas, já que conforme nos afirma Tuan (1980), o lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado no qual está integrado, ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições; é o "centro de significância ou um foco de ação emocional do homem" (TUAN, 1980). O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas.

REFERÊNCIAS:

- AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**. Uberlândia, 11 (21 e 22), p. 67-87, jan./dez. 1999.
- BARAÚNA, A. **A percepção da variável ambiental de algumas agroindústrias de Santa Catarina**. 1999. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em <<http://teses.eps.ufsc.br/Resumo.asp?821>> Acesso em 15 de fevereiro de 2006.
- BERDAGUE, C. **Toporeabilitação através da participação popular**. Viçosa: Ecomuseu do Ribeirão São Bartolomeu: 2000.
- CARNEIRO, P. A. S; FARIA, A. L. L. Ocupação de encostas e legislação urbanística em Viçosa-MG. **Caminhos da Geografia**. IG-UFU: Uberlândia. Fevereiro de 2005 p.121-138. Disponível em <http://www.ig.ufu.br/revista/volume14/artigo12_vo14.pdf>, acesso em 25 março de 2006.
- CASTELLO, Lineu. Revitalização de área centrais e a percepção dos elementos da memória. **Anais do Encontro 2000 da Associação de Estudos Latino-americanos**. Miami, 16 a 18 de março de 2000. Disponível em <<http://136.142.158.105/Lasa2000/Castello.PDF>> Acesso em: 20 de Março de 2006.
- CASTORIADES, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CASTRO, I.E. Solidariedade territorial e representação. Novas questões para o pacto federativo nacional. **Anais do 6º Encuentro de Geógrafos e América Latina**, realizado em 17 a 21 de Março de 1997 em Buenos Aires - Argentina: Facultad e Filosofía y Letras - UBA, 1997.
- CLAVAL, P. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (org.). **Matizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 35-86
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática: 1994.
- _____, R. L. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO I E; GOMES, P. C. da C; CORRÊA, R. L (Orgs), **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47
- _____, R. L., ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: PINI, 1990.
- ENTRIKIN, J. N. Humanismo contemporâneo em geografia. **Boletim Geografia Teorética**, Rio Claro. 1980. v. 10, n. 19, p. 5-30.
- FERRARA, L. D. **Ver a cidade**. São Paulo: Nobel, 1988.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.
- GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

- GOTTDIENER, M. **A produção do espaço social urbano**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- HOLZER, W. O lugar na geografia humanista. **Território**. Rio de Janeiro, N ° 7. LAGET-UFRJ: 1999. Disponível em <http://146.164.24.171/pdf/N_07/v_7_holzer.pdf> Acesso em 10/03/04.
- KOHLSDORF, M. E. **A apreensão das formas da cidade**. Brasília: UNB, 1985.
- LAKATOS, E. M.. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MELLO, F. A. O. **Análise do processo de formação da paisagem urbana no município de Viçosa-MG**. 2000. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciência Florestal, UFV, Viçosa,.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- NEGREIROS, R. Gestão metropolitana: um desafio que se renova. In: **Economia, estado e sociedade**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba: IPARDES, n.100, Janeiro/junho de 2001. Disponível em http://www.ipardes.gov.br/pdfrevista_pr/100/rovena.pdf> Acesso em 25/02/06
- OLIVEIRA, J. M. Percepção e realidade. Disponível em <<http://www.epub.org.com.br/cm/n04/opinião>> Acesso em: 20 de fevereiro de 2006
- PEREIRA, M. F. V. Contradições de uma “cidade científica”: o processo de urbanização e especialização territorial em Viçosa. **Caminhos de Geografia**. IG-UFU: Uberlândia. Outubro de 2005. p. 197-206. Disponível em <http://www.ig.ufu.br/revista/volume16/artigo18_voll6.pdf> Acesso: em 25 de março de 2006
- RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da geografia. In: **Geografia**. Rio Claro, UNESP, n. 7, v. 4, p. 1-25, abril 1979. Disponível em <<http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>> Acesso em 20/03/2006
- RIBEIRO FILHO, G. B. **A formação do espaço construído: Cidade e legislação urbanística em Viçosa-MG**. 1997. (Dissertação de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.
- _____. M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- TAGLIACARNE, G. **Pesquisa de mercado: técnica e prática**. São Paulo: Atlas, 1978.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

ANEXO I

Entrevista.

1- Nome.

2- Idade.

3- Sexo.

4- Naturalidade.

5- Há quanto tempo mora em Viçosa?

6- O que é a cidade de Viçosa para você?

7- Para você como é a cidade de Viçosa?

8- Para você até onde vai o centro urbano da cidade de Viçosa?

9- Para o quê serve o espaço urbano de Viçosa?

10 - Com relação à cidade de Viçosa, diga o que você gosta e que você não gosta?

11- O que você sente pela cidade de Viçosa? Por quê?

12 - Para você qual é o elemento ou parte de maior importância da cidade de Viçosa?